



Regresso às aulas
Ministério já prepara exames de 2021 a pensar na pandemia
Directores receiam turmas por turnos
Destaque, 2 a 4

Bares e discotecas vão poder abrir com regras de cafés e pastelarias

Conselho de Ministros aprova hoje novas regras • Discotecas vão poder ter mesas e cadeiras nas pistas de dança e abrir esplanadas • Sector fechou em Março e será dos últimos a reabrir com a pandemia **Sociedade, 13**

Tecnologia O dia em que os gigantes deixaram de ser intocáveis **Economia, 18 e Editorial**



Jeff Bezos (Amazon), Mark Zuckerberg (Facebook), Sundar Pichai (Google) e Tim Cook (Apple) na histórica audição de ontem no Congresso

SOU UM HOMEM DO PALEOLÍTICO.



Museu faz 10 anos
Como o *Bartoon* de Luís Afonso ajudou a salvar as gravuras do Côa

Cultura, 24/25

P2 Verão
O museu que está há 140 anos a "homenagear o povo dos Açores"

34/35

Ex-deputado do PSD acusado de tráfico de influência

Agostinho Branquinho e três autarcas entre os acusados no processo de construção de hospital em Valongo **p12**

Como a covid-19 está a abalar os números do emprego

Até Maio desapareceram 183 mil empregos, mas taxa de desemprego aguenta-se e não sobe. Até quando? **p16/17**

Há um novo quarteirão em Gaia criado em nome do vinho

World of Wine custou 106 milhões e promete mergulho na cultura dos vinhos e da gastronomia portuguesa **p14/15**

Vacinas: uma luta geopolítica e a lotaria para chegar primeiro

Já se investem milhões em vacinas que poderão falhar: países estão a apostar forte no desconhecido **p20**

HOJE Operação Overlord (Vol. 3)
A Bateria de Merville

Por + 9.90€

CULTURA

Elogio do Homem do Paleolítico

O *Bartoon* de Luís Afonso, com o seu Homem do Paleolítico, marcou os principais momentos da luta pela preservação das gravuras e contribuiu para colocar a questão do Côa na agenda

Luís Luís

A 21 de Novembro de 1994, o PÚBLICO chamava à capa um artigo assinado por Manuel Carvalho, "Barragem ameaça achado arqueológico". O achado em causa era a arte paleolítica do vale do Côa e assim se desencadeava uma polémica que ocuparia o espaço público durante cerca de um ano e que perdura ainda hoje no imaginário colectivo.

Até ao final do ano, a polémica seguiria em crescendo, focando os silêncios, afirmando o escândalo, noticiando os debates entre especialistas, que chegaram além-fronteiras. É então, a 3 de Fevereiro de 1995, que um certo "homem das cavernas" entra no mais mediático bar nacional, o *Bartoon* de Luís Afonso. Um homem barbudo, hirsuto, coberto por peles, descalço e acompanhado de um martelo de pedra anuncia-se como Homem do Paleolítico e denuncia-se como autor "daquelas coisas no vale do Côa". Estava assim criado um famoso personagem que irá acompanhar toda

a polémica da preservação da arte paleolítica do vale do Côa.

O *Bartoon* vem sendo publicado nas páginas do PÚBLICO quase ininterruptamente desde 25 de Abril de 1993. Luís Afonso é hoje o mais relevante e produtivo autor português de *cartoons*, publicando um vasto número de séries na imprensa nacional, com um traço simples, eficaz e fortemente reconhecível.

Se, pela sua estrutura formal, continuidade e uso de personagens recorrentes, o *Bartoon* deverá ser considerado como uma tira de banda desenhada, já o seu conteúdo sobre a actualidade aproxima-o do *cartoon* editorial clássico, o que é, aliás, denunciado pelo título da série. Enquanto agente do humor, Luís Afonso não criou uma personagem, mas uma situação. Com o empregado/dono do bar, senta-se no balcão um grupo de personagens principais, com personalidades suficientemente indefinidas para não determinarem o tema em que intervêm ou a opinião que expressam. A este grupo de residentes junta-se uma quase infindável lista de "actores convidados", estereotipados, cuja participação é condicionada pelo tema. Entre eles encontramos o Homem do Paleolítico. No contexto da cobertura noticiosa do PÚBLI-

CO, o *Bartoon* iria notabilizar-se pelo acompanhamento da polémica, ao ponto de, através dele, podermos hoje revisitar os grandes momentos desta história exemplar.

Quando o Homem do Paleolítico apareceu em Fevereiro, já a notícia se transferira da secção da Cultura para o Destaque do jornal. O Presidente da República, Mário Soares, mostrava-se preocupado, personificando a esperança dos arqueólogos. Entretanto, instalara-se a "gravuro-mania" e os "jovens Indiana Jones" de Foz Côa haviam cunhado a palavra de ordem "As gravuras não sabem nadar!" a partir do primeiro sucesso do hip-hop nacional (*Nadar*, dos Black Company). Os peritos estrangeiros mostravam-se maravilhados, ao que o Homem responde: "E tão mal pagos..." A inviabilização da barragem pelas suas gravuras vale-lhe a aplicação do bordão cavaquista: "Força de bloqueio pré-histórica."

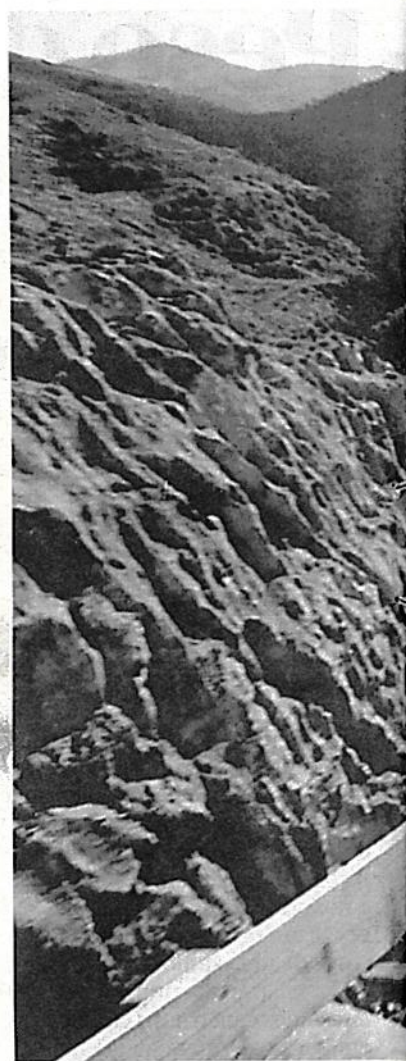
A primeira fase da intervenção do Homem do Paleolítico na polémica termina em inícios de Março. A 4 faz eco da discussão do tema na Assembleia da República e no dia seguinte, num dos mais emblemáticos *cartoons* sobre o tema, apelida de "Aquário Paleolítico do Côa" uma suposta conciliação entre barragem e gravuras. Tratava-se de uma asserção ver-

dadeiramente premonitória, pois, a 14 de Abril, *O Independente* viria a apresentar a solução conciliadora da EDP, que previa uma visita de submarino às gravuras submersas.

A segunda série de *cartoons* sobre o Côa inicia-se em Julho, após a edição de dia 7 do mesmo semanário ter preenchido a sua capa com "A Fraude" e uma imagem da rocha 1 da Ribeira de Piscos. Sob esta cortina de fumo, inicia-se o debate sobre a cronologia da arte do Côa, com base em supostas datações directas encomendadas. No bar, um cliente habitual exige a preservação das gravuras paleolíticas... ou do século XIX. A intervenção de clientes habituais do bar sobre o tema denuncia já a generalização da polémica. Reflecte-se sobre uma suposta oposição entre arqueólogos portugueses e peritos internacionais e a grandeza das *gaffes* em arqueologia. O Homem reconhece-se vanguardista, a despeito das ditas datações, enquanto o *barman* lhe diagnostica comportamento regressivo. Questionado por um repórter, o empregado do bar pede o auxílio do seu advogado.

A polémica será desmontada entre arqueólogos num congresso em Turim, o que leva o Homem do Paleolítico a vestir fato e gravata, afirmando-se excitadíssimo.

A 3 de Fevereiro de 1995, um "homem das cavernas" entra no mais mediático bar nacional, o *Bartoon* de Luís Afonso. Iria acompanhar toda a polémica do vale do Côa





MANUEL ROBERTO



Seria o Governo de António Guterres, com Manuel Maria Carrilho como ministro da Cultura, a anunciar o abandono da barragem do Côa

nando Nogueira pela liderança do PSD. Entretanto, o Homem interveio na passagem do milénio, temeu a retroactividade da perseguição aos graffiti proposta por Paulo Portas, denunciou o “retrocesso civilizacional” trazido pelo Homem do FMI, que fez dele um “homem do futuro”, denunciou a guerra, a destruição ambiental e as sentenças cavernícolas sobre a violência doméstica e comentou o noticiário científico sobre o Neandertal, sempre com bonomia.

Na base do humor do Homem do Paleolítico está o anacronismo, uma incongruência comum no humor sobre o passado. Neste caso, o primeiro anacronismo é a entrada de um Homem do Paleolítico num bar para discutir a actualidade, que define um quadro em que concepções de passado e presente entram em conflito. Nele subjaz uma perspectiva crítica da actualidade, ora projectando nesse passado a origem dos males do presente, ora demonstrando-nos que os trogloditas somos nós.

Se o humor nasce, em grande medida, do quebrar de expectativas, ele tem de partir de uma expectativa comum. Daí a utilidade do estereótipo. Por isso, o Homem do Paleolítico personifica os preconceitos que subsistem na sociedade actual acerca da Pré-história. Ele é, em grande medida, a representação de um imaginário colectivo com origens na Antiguidade e afirmado com a invenção da Pré-história no século XIX, persistindo até aos nossos dias.

Rimo-nos quando nos confrontamos com as nossas expectativas comuns acerca do passado e a rea-

lidade presente. O nosso Homem aproxima-se da alternativa iluminista do “bom selvagem”. É esperto, perspicaz, mas inocente. Esta imagem é particularmente notória durante toda a polémica do Côa: o Homem do Paleolítico não consegue compreender os inconvenientes que causou à civilização contemporânea. Em contraponto com o seu primitivismo físico, afirma-se a modernidade da sua arte, que hoje nos maravilha.

A relevância política e social do cartoon é hoje um facto indelmentível. Para o comprovar não será necessário recordar o assassinato dos cartoonistas do *Charlie Hebdo*, a recente proibição do *New York Times* de todos os cartoons, a propósito da polémica gerada por uma caricatura de António, ou as ameaças e retiradas de prémios a Vasco Gargalo.

A principal função do cartoon é fazer rir, mas ele não se esgota no entretenimento. Ao rir-se de assuntos sérios e polémicos, contribui para uma redução da agressão, dentro de uma perspectiva freudiana do humor. Pela sua actualidade, o cartoon contribui ainda para a definição da agenda mediática, atribuindo importância a um determinado tema, enquadrando-o. A doutrina diverge quanto ao papel do humor na perpetuação da ideologia dominante, sendo ingénuo negar o seu potencial subversivo e, à sua medida, transformador.

Nos 25 anos da decisão de preservar a arte do Côa, será justo reconhecer o papel do humor de Luís Afonso e do seu *Bartoon* nessa luta. Publicado num dos principais diários nacionais, que se notabilizou pela cobertura da polémica, o Homem do Paleolítico contribuiu para colocar a questão na agenda. Mas, sobretudo, fez-nos rir. Aguardemos pela sua próxima visita.

Arqueólogo; Fundação Côa Parque

Só regressará em Novembro, já depois das legislativas. No dia 7, António Guterres anuncia o abandono da obra da barragem. Dois dias depois, o Homem desculpa-se pelos problemas causados, pois desconhecia os projectos da EDP. Acusado de fazer gravuras em qualquer lado, defende-se com a falta de ordenamento, chegando a oferecer-se para fazer gravuras noutros locais, o que seria novamente premonitório, com a descoberta de arte rupestre no Alqueva, mais de cinco anos depois, também alvo da sua atenção. Segue-se um conjunto de cartoons que reflecte a sua depressão perante acusações de “prejudicar o nosso de-senvolvimento”, chegando a esconder-se atrás do balcão, por ter a “cabeça a prémio”. Tudo acaba bem, com a criação da “Paleolítico Tours”. O Homem chega a afirmar-se “o artista plástico do momento”, o que não deixa de ser irónico, depois de a sua obra ter sido apelidada de “garatuja horrendas e quase indecifráveis”.

A vitória da preservação é marcada a 10 de Agosto de 1996, aquando da abertura das gravuras à visita pública. A partir daqui o Homem do Paleolítico vai aparecendo a propósito de aniversários e notícias particularmente negativas sobre o Côa,

É INAUGURADO HOJE O PARQUE ARQUEOLÓGICO DO CÔA.



POIS É, MAS JÁ AS FIZ HÁ 45000 ANOS...



VOCÊ GANHAVA UMA FIPA DE MASSA SE FIZESSE AQUELAS GRAVURAS AO VIVO.



QUE PRECIPITADO, MEU DEUS...



como os gastos no museu, visto como um “mamute branco”, a extinção da fundação antes de ser criada, ou o vandalismo na rocha 2 de Piscos... A complexidade do processo espelha-se bem num cartoon em que, solicitado a fazer um balanço, o Homem pergunta se o deve fazer do ponto de vista arqueológico, político, jurídico, ou misturar tudo. A única boa notícia parece ser a continuação da investigação arqueológica no vale, com a descoberta de

ocupação neandertal, anterior à arte rupestre. Ainda assim, os gravadores do Paleolítico Superior são acusados de “viverem acima das suas possibilidades”.

Nascido da polémica da preservação da arte do Côa, o Homem do Paleolítico sobreviveu-lhe, alargando o seu espaço de intervenção a outras temáticas. A sua terceira aparição já não se relaciona directamente com o caso Côa, mas sim com a disputa entre Durão Barroso e Fer-